

Só acordo evita hiperinflação

Rio — A equipe econômica sabe que não pode tomar iniciativa de cunho mais profundo nas áreas fiscal, monetária ou externa. Isto coloca ainda como favorável se a inflação estabilizar-se entre 25 por cento a 30 por cento ao mês, ou mais, até dezembro. Mas a situação é delicada, e a economia brasileira está vulnerável, a um choque do tipo crise cambial, falta de credibilidade na dívida pública ou um grande reajuste de preços e tarifas públicas, que elevariam os preços até o País chegar ao que se considera tecnicamente a hiperinflação, ou taxa a acima de 50 por cento ao mês.

Este quadro foi traçado ontem, no Rio, pelo economista Gustavo Franco, da Pontifícia Universidade Católica do Rio, ao participar do seminário "Hiperinflação, Táticas Defensivas", promovido pela Bolsa Brasileira de Futuros (BBF) para executivos do mercado financeiro e de capitais. Para a platéia, o especialista não buscou rodelos para fazer uma advertência: o mercado de ações sempre foi perdedor nos casos históricos de hiperinflação, em países como a Alemanha.

Gustavo Franco — com doutorado exatamente defendendo uma tese sobre hiperinflação, ainda em 1987 — não quis arriscar qualquer projeção sobre o comportamento das taxas mensais de inflação até as eleições presidenciais, de novembro.

“Prefiro me abster”, disse, enigmático, mas preferiu assinalar que, a esta altura, uma reversão de expectativas inflacionárias só poderia mesmo ser alcançada com um acordo político dos candidatos à sucessão, principalmente em três pontos: garantia de honrar a dívida interna, defesa a todo custo das reservas internacionais e o compromisso de não recorrer a medidas como congelamento de preços.

Mostrando-se francamente cético quanto à possibilidade de choques fiscais pelo atual governo — inclusive defendeu medidas de garantia do orçamento da União durante os últimos meses antes da posse do novo Presidente da República, em março de 1990 —, o economista da PUC-RJ disse temer um novo “salto” nas taxas de inflação, como o verificado de maio (9,94 por cento) para junho (24,83 por cento). No caso de mecanismos de defesa, para uma hiperinflação, situou-os no encurtamento de prazos de recebimentos, pelas empresas, e de reajuste de salários, pelos trabalhadores. Quanto ao dinheiro, citou que ainda existe o overnighth.

Uma análise específica de Franco sobre a hiperinflação alemã, em 1923, impressionou os executivos. Ele citou que, guardadas as diferenças históricas, a Alemanha do pós primeira Guerra Mundial enfrentava problemas semelhantes ao do Brasil.